

Educação physica

Prof. Jefferson de Araujo

PRIMEIRA SERIE DE GYMNASTICA

- 1.º Movimento—Um—Braços aos lados, palmas das mãos voltadas para cima—Dois—Torsão dos braços, palmas voltadas para o solo—Tres—Retomar a posição do numero um. Quatro—Retomar a posição do numero dois descendo rapidamente os braços e dando duas fortes pancadas nas coxas, o que será feito em toda a série, excepto no 12.º movimento que só se dará uma pancada, ficando a escola em posição de sentido.
- 2.º Movimento—Um—Mãos aos quadris, fechando os pés. Dois—Abrir os pés. Tres—Retomar a posição do numero um. Quatro—Retomar a posição do numero dois.
- 3.º Movimento—Um—Braços aos lados, mãos abertas, palmas para baixo —Dois—Braços flexionados em angulo e na horizontal—Tres—Retomar a posição do n.º um—Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 4.º Movimento—Braxos flexionados com os cotovellos a pequena distancia do corpo, punhos cerrados—Dois—Extensão dos braços para cima. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 5.º Movimento—Um—Mãos aos quadris levantando-se nas pontas dos pés. Dois—Arriar rapidamente o corpo. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 6.º Movimento—Um—Braços aos lados, punhos cerrados. Dois—Extensão dos braços para cima, punhos cerrados se defrontando. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.

7. Movimento—Um—Braços extendidos para a frente, palmas das mãos voltadas para o solo. Dois—Braços flexionados em angulo e na horizontal. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro — Retomar a posição n.º dois.
- 8.º Movimento—Um Elevação dos braços para a frente, punhos cerrados. Dois—Elevação dos braços para a retaguarda—Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 9.º Movimento—Um—Braços aos lados, mãos abertas. Dois—Braços extendidos para a frente, paralelos, palmas das mãos voltadas para baixo. Tres — Retomar a posição do n.º um. Quatro —Retomar a posição n.º dois.
- 10.º Movimento—Um — Braços extendidos para frente, punhos cerrados. Dois — Mãos aos peito, punhos cerrados. Tres —Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 11.º Movimento—Um—Braços extendidos horizontalmente, punhos cerrados. —Dois—Braços flexionados, punhos cerrados na altura dos hombros. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 12.º Movimento—Um—Braços extendidos horizontalmente, punhos cerrados, unhas das mãos para cima. Dois—Torsão dos braços, unhas voltadas para o solo. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.

SEGUNDA SERIE DE GYMNASTICA

Posição inicial — Sentido :

- 1.º Movimento—um — Braços á frente, batendo uma palma. Dois—braços atraz batendo uma palma. Tres—Repetir o n.º um. Quatro — Braços acima, batendo uma palma. Cinco—Repetir o n.º um. Seis—Repetir o n.º dois. Sete—Repetir o n.º um. Oito—

- o n.º quatro. Nove—Repetir o n.º um. Dez—Repetir o n.º dois. Onze—Repetir o n.º um. Doze—Repetir o n.º quatro e sentido.
- 2.º Movimento—Um—Mãos aos quadris cahir a fundo lateral. Dois—Unir o pé direito ao esquerdo. Tres—O n.º um em relação á esquerda. Quatro—o n.º dois e sentido.
- 3.º Movimento—Um—Braços flexionados em angulo e na horizontal. Dois—Braços aos lados, mãos abertas. Tres — Retomar a posição do n.º um. Quatro —Retomar a posição do n.º dois.
- 4.º Movimento—Um — Mãos extendidas para a frente, parallelas, palmas voltadas para o solo, perna direita extendida para a frente. Dois—Voltar a posição de sentido. Tres—Braços aos lados, mãos abertas, palmas voltadas para o solo, perna direita extendida para a retaguarda. Quatro—Voltar a posição de sentido.
- 5.º Movimento—Repetir o quarto em relação á esquerda.
- 6.º Movimento — Mãos á frente, perna direita á frente, batendo forte pancada no solo—Dois—Retomar a posição de sentido. Tres—O n.º um em relação á esquerda—Quatro—O n.º 2 e sentido.
- 7.º Movimento—Um—Mãos aos peito, punhos cerrados. Dois — Braços aos lados. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois e sentido.
- 8.º Movimento—Um—Braços flexionados, punhos cerrados na altura dos hombros. Dois—Braços extendidos horizontalmente. Tres—Retomar a posição do n.º um. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 9.º Movimento—Um—Mãos aos quadris, flexão do tronco para a frente. Dois—Erguer o corpo permanecendo firme. Tres—Flexão do tronco para a retaguarda. Quatro—Retomar a posição do n.º dois.
- 10.º Movimento—Um—Mãos aos peitos, punhos cerrados, perna direita a fundo lateral. Dois—Retomar a posição de sentido. Tres—O n.º um em relação á esquerda. Quatro — Repetir o n.º dois.
- 11.º Movimento—Um—Mãos aos quadris, flexão do tronco para a lado direito. Dois—Erguer o corpo, permanecendo firme. Tres—O n.º um em relação á esquerda. Quatro—Repetir o n.º dois.
- 12.º Movimento—Um—Braços aos lados, mãos abertas, palmas voltadas para o solo. Dois—Mãos a frente parallelas. Tres—Elevar os braços, mãos abertas, palmas se defrontando—Quatro—Repetir o n.º dois.
- 12.º—Movimento—Um—Braços aos lados, mãos abertas, palmas voltadas para o solo. Dois—Mãos á frente parallelas. Tres — Elevar os braços, mãos abertas, palmas se defrontando—Quatro —Descer rapidamente os braços e sentido.
- 13.º Movimento—Um—Mãos aos quadris, perna direita á frente batendo forte pancada no solo. Dois—Unir o pé direito ao esquerdo. Tres—O n.º um em relação á esquerda. Quatro o n.º dois.
- 14.º Movimento—Um—Braço direito acima, mão aberta, perna direita a fundo lateral, batendo forte pancada no solo. Dois—Sentido—Tres—O n.º um em relação á esquerda. Quatro — O n.º dois repetido,
15. Movimento—Um—Braços acima, palmas das mãos tocando-se fortemente, perna direita traçada sobre a esquerda, ponta do pé direito no solo. Dois — Meia volta, braços aos lados, mãos abertas, palmas voltadas para cima. Tres—Braços flexionados, tocando as pontas dos dedos as ombreiras, perna direita a fundo lateral. Quatro—Sentido.
- O mesmo movimento será repetido para voltar a posição primitiva.

Defeitos de educação

Historia de um menino mal educado

(OCTAVIO PIRES)

COMO SE ENSINA A CRIANÇA A MENTIR

Disse Smiles: "O lar faz o homem ; porque a educação comprehende não só os costumes e o espirito, mas tambem o caracter.

E' sobretudo por ella que o coração se abre, que os habitos se formam e que o caracter se amolda para o bem ou para o mal.

Infelizmente, entre nós, não se pensa assim.

Vemos diariamente a familia predispondo o espirito das crianças para o mal e facultando-lhes os primeiros germens corruptores do caracter. E longe de formarem entes perfeitos por acertada educação, por errada, formam-nos imperfeitos, dissolutos e máos.

De erro em erro conseguem desfeiar a mais perfeita obra de Deus—o homem.

Quantas vezes não assistimos diariamente a essas praticas reprovadas, no seio de nossas familias ?

Quem ha por ahi que não tenha visto como se satisfazem todos os caprichos das crianças, que mal começam a ensaiar os seus primeiros passos e a balbuciar as primeiras palavras ?

E isso com o unico fim de não as contrariar e nem as aborrecer. Muitas vezes mesmo, empregam o meio conhecido e commum de a outros attribuirem as faltas por ellas commettidas, sem se lembrarem de que, por esse meio, lançam-lhe no espirito a primeira semente do mal, que mais tarde ha de tornal-os prejudiciaes a si e ao meio em que tiverem de agir.

Um das principaes e fataes lições que recebem as nossas crianças no seio das familias, é o da mentira e mystificação. E, se não, vejamos :

Imaginemos um menino Julio e acompanhemos a sua educação.

Julio já anda e falla. Entre as muitas concessões que se lhe fazem, está a de se o permittir á mesa das refeições.

Cercado pela mãe, pelas tias e pela avó, ahí elle impéra como um rei absoluto, puxa a toalha, derrama os liquidos, bate com o garfo ou colher nas louças, etc.

Num bello dia, zanga-se, empurra com os pés um búle ou um prato, atira com elle ao chão e quebra-o.

A mãe, longe de aproveitar a occasião para, prudentemente, administrar-lhe um ensinamento, fazendo-lhe vêr o prejuizo que deu e a falta que commetteu, grita-lhe :

— Criança tôla, feia ! vou levar-te para o velho que come meninos que se fazem tolos !

Julio, ao ouvir as palavras enraivecidas da mãe, e a ameaça de ser comido pelo velho, faz *beicinho*, olha para um e outro lado e começa um pranto ensurdecêdor.

Immediatamente corre uma tia ou a avó, toma-o nos braços, cobre-o de beijos, e, fingindo-se zangada, grita :—Porque ralhas com a criança ? Não vistes que foi a Maria (creadinha que serve a meza) quem quebrou o bule :

E dirigindo-he á criança :

— Não foi a Maria quem quebrou o bule, meu amôr ?

Julio pára de chorar, ensaia uns sorrisos tentadores, e responde : — Foi, sim, foi a Maria...

As suas ultimas palavras são acolhidas com estridentes gargalhadas, e Julio é abraçado por todos.

Está dada a primeira lição de mentira e praticado o primeiro erro na educação de Julio, erro este, que accumulado a outros que se seguirem, fará desse menino, não um homem util a si e á sociedade, mas um ente prejudicial e máo.

Ignora a familia de Julio que “o mentir não é só uma deshonestidade, mas uma covardia”, e que todo individuo divorciado da verdade, não inspira confiança a ninguem, e não é mais do que um ente desvalorizado e inutil.

COMO SE ENSINA JULIO A SER MEDROSO E COVARDE

Julio tem dois annos de idade.

E' o encanto da familia, e á sua vontade ninguem se oppõe. Quebra os moveis, rasga os papeis, maltrata os animaes, bate na mãe, nas tias, na avó e nas creadas,

Por occasião de suas travessuras, a mãe se contraria e o reprehende. Ameaça-o de castigo, mas nunca vae além da promessa.

Como não há outro meio de corrigil-o, começam a fallar-lhe de *lobishomens*, *matinta-pereiras*, e velhos que levam creanças num sacco para comel-as.

Julio mostra-se pouco crente, e se alguns instantes deixa-se dominar pelo mêdo, acto continuo volta-se ao mesmo proceder. Quando bem socegado se acha, batem á porta. A creadinha vae ver quem é e, á volta, diz :— E' um velho que pede esmolas.

— Oh ! bôa occasião ! diz a mãe. Chama o Julio, e, por vontade ou contra a vontade d'elle, leva-o até junto do pobre velho, dá-lhe a esmóla, e pergunta-lhe :

— O sr. ainda péga e leva para comer creanças tôlas ?

O pobre velho, comprehendendo o motivo da pergunta, responde com voz cavernosa, e fazendo carêtas :— Sim senhora ! todas as creanças tôlas que encontro, levo-as e como-as...

— Estás ouvindo Julio ? Continúa a fazer-te tôlo, e verás...

Se este menino continuar a não me ouvir, mandal-o-ei chamar para vir buscal-o.

— Sim, senhora, estamos combinados. Julio fica apavorado e, desde esse momento, só se consegue accommodal-o, ameaçando-o de ser levado e comido pelo velho.

A mãe não se aproveita do apparecimen-

to do mendigo para despertar o sentimento de caridade na creança, e sim para acovardal-a e apavoral-a. Não lhe diz que a pessoa que ahi se acha é um desfavorecido da sorte, que merece o auxilio de tôdos, pois amparar os fracos e socorrer os necessitados, são deveres que temos a cumprir e sentimentos de almas bem formadas e corações generosos e bons.

Não lhe diz isso; ao contrario, mostra-lhe o necessitado, como um ente máo e desprezível, como um vivente de quem se deve fugir e têr mêdo. Duplo erro commette a pobre mãe; não falla a verdade ao seu filho, e não se aproveita da oportunidade para ensinar-lhe a praticar o bem. E não ficam ahi os meios de acovardar Julio. Falla-se-lhe em almas do outro mundo, que apparecem nos quartos escuros e que levam as creanças que não ouvem a seus paes, e portam-se mal.

Muitas vezes cobrem-se as pessoas da casa com mascaras e roupas compridas, e, de momento, apparecem ao Julio, procurando agarral-o e leval-o. Preparado como elle já tem o espirito, acredita nessas phantasias e torna-se covarde e medroso.

Basta que se lhe falle em alma do outro mundo, para elle, immediatamente procurar occultar o rosto no collo materno e assim procurar furtar-se aos perigos que o ameaçam.

A familia desconhece que a coragem é um attributo que o homem deve ter, e que, por isto deve cultival-a e desenvolvê-la. Sem a coragem, o homem não poderá em perigos defender-se delles, ou confessar a verdade, ainda que tenha de beber cicuta como Socrates.

E' á coragem que se deve a liberdade dos povos, e as grandes descobertas da sciencia, cujo numero, de martyres é elevado. E' a coragem que leva ao campo da batalha, o soldado, em defeza de sua Patria amada; é a coragem que impulsiona o sabio nas suas descobertas, atravez de mil difficuldades; é ainda a coragem que faz que os individuos saibam supportar os in-

fortunios e tornar-se superiores a elles. Mas a familia de Julio tudo isto esquece, e vae ensinando o pobre menino a ser covarde e poltrão, capaz de correr de sua propria sombra.

Quanto a bebidas alcoholicas, não lhe é totalmente desconhecido o seu uso.

Desde que começou a vir á mesa das refeições, foram-lhe ministradas pequenas quantidades de vinho, primeiro com agua, depois puro.

Já não contráe o rosto quando bebe, e nem deixa de dar com o lingua, no paláto, um leve estalo, depois que ingére o vinho, como para mostrar que conhece um *velho* Collares. Por si só serve-se na mesa; toma regularmente vinho, mas ainda não teve occasião de conhecer os seus perniciosos effeitos.

Chega um dia de anniversario da familia. A mesa torna-se mais farta e os liquidos mais abundantes.

Começam os brindes e Julio a todos corresponde.

Antes de terminar o banquete, elle mostra desusada alegria,

Notam que está exaltado e então os paes ou tio, achando-o ainda mais espirituoso e interessante do que é, o incitam a beber mais, e cada tolice que faz ou cada asneira que diz, é motivo de grandes gargalhadas. Levanta-se da meza ebrio, cahindo e batendo-se, com applausos da familia. Depois o levam á cama, e ahi o deixam dormindo um somno agitado pelos vapores do alcool. Acorda indisposto do corpo e do espirito, e, ao sair da cama, ainda provoca na familia expansões de alegria.

Julio já tem oito annos.

Não conhece uma só letra do alphabeto, e nem tem idéa dos numeros; mas, em compensação, diz asneiras, furta, conhece o gosto do fumo e o sabôr da embriaguez.

Pobre e desventurado menino !

COMO SE ENSINA JULIO A DETESTAR A ESCOLA E COMO O PAE SE CONFESSA INCAPAZ DE O EDUCAR

Julio aproxima-se dos nove annos, está crescido e, como já vimos, não conhece uma letra do alphabeto. E' insupportavel. As pessoas da familia não o podem conter e então começam a ameaçal-o com o collegio, e os preparativos para, no começo do proximo anno, entregarem-n'o ao professor. Todos os dias, por qualquer falta, dizem: — Deixa-te estar ! em breve pagarás tudo...

“Não está longe o dia em que terás de marchar para o collegio; o teu mestre que te ature.

Alli é que tú has de vêr coisa bôa : o teu mestre que é o *bicho*, ha de conversar contigo”.

“Elle ha de dar-te só uma sóva, e logo has de ficar direitinho !”

Nesse diapasão, terminam convencendo o Julio de que o collegio é uma casa de correção, e o professor o seu carcereiro. O menino, sem conhecer o collegio nem o professor, fica-lhes tendo horror, e, só de ouvir fallar nelles, fica tremendo.

Chega o dia desejado pela familia. Logo de manhã tratam de vestir o menino com sua roupa de festas; elle chora, bêrra e espernêa.

O pae, que o tem de levar ao collegio, já está prompto; passêa de um lado para outro e pergunta :

“Esse menino, vae ou não ?”

— Vae sim, já está quase prompto.

Depois de muitos abraços, beijos e presentes, sae o Julio. Mãe, avó, tias, e creadas, correm ás janellas e á porta, afim de verem o menino que se vae para a escola.

Como um condemnado á forca, Julio vae choromingando, vae pela mão do pae. Chegam ao collegio, entram, e o menino vae procurando com a vista o *quarto escuro*, a palmatoria, e o chicote, de que lhe fallavam diariamente em casa.

Recebidos pelo Director, o pae diz:

“Está aqui mais um alumno para o seu collegio, Sr. Director!”

“E’ meu filho, um menino esperto, intelligente e com decidida vocação para os estudos. Para as bellas artes, é uma cousa admiravel! Não pôde ver um papel, que não encha logo de figuras. Em casa não ha uma parede limpa. Em todas, o Sr. só vê caretas, arvores e uma infinidade de desenhos, tão bem feitos que se custa acreditar serem obra de creança. Tem um defeitosinho: é travesso, genioso e birrento; mas levando-se com geito, tudo delle se consegue.

Eu já o podia ter corrigido, mas—que quer?—os meus que fazeres,—não me deixam tempo para isso. Além disso, é cresdo pela avó e tias...

Mas, confio no Sr. Não o poupe, e duro com elle, como já lhe disse.

Despede-se o pae; Julio agarra-se-lhe ás pernas, chóra, grita, mas afinal fica no collegio.

Retira-se o pae, satisfeito de ter deixado o filho no collegio, sem se lembrar de que se confessou incapaz de educal-o.

A familia ficou satisfeita tambem e alliviada de um pêso, e convencido de que cumpriu o seu dever, entregando Julio ao professor, — que é o *bicho*, e ao collegio, que é a casa de correção.

Julio, porém, nunca se confórma com o collegio, e ninguem consegue fazel-o estudar.

Não o fazem convencer de que o collegio é um estabelecimento de ensino, onde os meninos vão instruir-se e preparar-se para as luctas da vida, que o professor é um segundo pae, e o estudo, ou outro qualquer trabalho, m dever que temos a cumprir. O seu espirito não foi assim preparado e, por isso, elle suppõe que o metteram no collegio por castigo, e não para estudar e instruir-se.

Por isso detesta sempre os livros e nunca cria amôr ao trabalho.

COMO SE ENSINA JULIO A FURTAR

Julio vae se *preparando* optimamente para a vida; ainda não furta e nem conhece essa *arte*. Preciso se faz uma lição nha sobre esse assumpto, e para isso convem aproveitar a primeira occasião.

Julio vae brincar com meninos da vizinhança. Como todas as creanças, é egoista e tem tendencias para o furto. Por occasião de achar-se com os outros meninos, vê uma bóla ou outro qualquer objecto, e deseja possuil-o.

Premedita o furto e espera occasião propicia.

Chegada esta, pratica-o, abandona os companheiros e corre para casa, occultando sob o fato as mãosinhas. Entra receioso e como envergonhado de si mesmo. A mãe, que se acha presente, extranha que elle tão depressa volte, e reparando o filho, nota que elle traz occulta alguma coisa. Pergunta: — Que é que traz escondido, Julio?

Elle, embaraçado, responde:

— Nada, mamãe.

— Pois eu não estou vendo que você está escondendo qualquer coisa?

Agarra Julio e verifica que elle procura esconder uma bóla de borracha que não levou de casa. Pergunta-lhe:

— Onde você trouxe esta bóla, Julio? De quem é?

Julio cala-se e começa a chorar. Vem correndo uma tia ou a avó, e procurando saber porque elle está chorando, diz:

— Ora deixe a creança.

“Que mal faz elle trazer uma bóla, uma coisa que nada vale!”

“Fica com ella, meu amôr, não chores!”

“Se perguntarem se elle trouxe a bóla, digam que não”.

Julio pára de chorar e fica convencido de que praticou uma boa acção. Não se aproveita a oportunidade para explicar á creança o horror do furto e o respeito pela propriedade alheia. Não se diz ao menino que ninguem tem o direito de se

apoderar de objectos de outrem, contra a vontade de seus donos, e que esse acto constitúe um crime perante a lei e a sociedade. Nada disso se diz ao Julio e nem que, quando desejar possuir um objecto o peça a seus paes, mas não o tire dos outros sem para isso ser autorizado. Tambem não é obrigado a ir restituir a bóla ao seu dono; ao contrario, justifica-se a falta e acha-se muito natural tê-la furtado.

Animado pela impunidade do primeiro erro, Julio prosegue na pratica do mesmo, e, á proporção que vae crescendo, tambem vae se aperfeiçoando no furto, e passando dos brinquedos e das fructas, ao dinheiro e ás joias.

Em pouco tempo torna-se um gatuno perfeito, dando á familia os maiores desgostos, sem ella lembrar-se de que elle é o menos culpado pelo seu incorrecto proceder, e que os mais responsaveis por tudo são os que não o tem sabido crear e educar.

COMO SE ENSINA JULIO A SER DEPRAVADO E INDECENTE

Julio falla com desembaraço, mas não pronuncia uma só palavra com acerto.

Elle diz : — Nós se vae, nós se mudemos, elle fiz, eu teve, etc.

As pessôas da familia ouvem essas palavras com indifferença e não procuram corrigil-as. Nota-se porém, que Julio não sabe palavras immoraes, nem gestos obscenos.

E' necessario que elle tudo isso aprenda, e que a sua educação seja completa. Desse trabalho, encarrega-se, muitos vezes, o pae, contra a vontade, é verdade, da mãe, das tias e da avó, as quaes, attendendo ser elle o chefe da casa, não lhe oppõem formal resistencia. Começa o pae o seu ensinamento e, desejando que o filho se torne cada vez mais interessante, ensina-lhe a linguagem das peixeiras e o gesto dos garôtos. Mas não fica ahi ! Para fazel-o admirar pelas pessôas amigas — obriga-o a repetir perante todos, as licções aprendidas.

Depois, cheio de si, dá uma leve palmada no rosto do filho, e diz : «E' um pandego, este Julio. E' um menino de uma intelligencia admiravel : tudo quanto se lhe ensina, aprende com uma facilidade de espantar !»

«Não parece ter a idade que tem.»

Quando o não instrúe directamente, como vimos, o faz indirectamente. Uza de linguagem livre e indecente deante da mulher, filhos, filhas e mais pessôas da casa, juntando ás palavras, gestos indecentes e condemnados pela moral.

E', assim, edueado o nosso Julio...

Prima pelos costumes e pela linguagem, mas ignora que nasceu para o prazer, o namoro, o noivado e o casamento. A mãe, ou uma tia, toma então a si esse cuidado. Com o apparecimento de Sarinha, uma encantadora menina de 7 annos, da vizinhança e de familia amiga, offerece-se occasião para iniciar Julio e, tambem, a innocente Sarinha, nos intrincados problemas do amôr. A mestra chama Julio para junto de si, e diz : — Julio, olha Sarinha !

— Abracem-se; você não lhe quer bem ?

«Sarinha, não gostas de Julio ?»

«Vocês não sabem que são namorados, quase noivos, e que se vão casar, para terem filhos, bonitos como voceis ?»

“E que par *chic* que vae ser !»

Julio, com o dedo na bocca, meio desconfiado, olha para Sarinha, que tambem olha disfarçadamente para Julio, más ambos se conservam em distancia, desconfiados e hesitantes.

A mestra insiste :

— Que é isto, Julio ?

Você envergonhado, sem querer abraçar Sarinha ?

Não seja *arara*, abrace-a !

A essa segunda ordem, Julio ferido no seu amôr proprio, porque o chamaram *arara*, avança e aperta Sarinha entre os braços; ella finge repellir o *namorado* e quase *noivo*, mas vae se deixando comprimir ao peito do interessante menino.

Desde esse dia, Julio não mais precisa de ordem para abraçar as meninas; em todas que lhe passam ao alcance, vae lhes dando, pelo menos, um beijo.

Poucos annos depois, é o terrôr das familias e da sociedade : — é um perfeito *D. João*.

Mas, apesar disso, é sempre o orgulho dos paes, por ser um rapaz *moderno e completo*.

COMO SE ENSINA JULIO A FUMAR E A EMBRIAGAR-SE

Julio já tem alguns vicios; pórem não fuma e nem se embriaga.

Ora, não se póde permittir que elle mais tarde, sendo moço, não fume como um turco, e não beba como um inglez. E', pois, necessario, instruil-o no uso do cigarro e do copo.

Para isto começa o pae a mandar Julio lhe buscar a cigarreira e a caixa de phosphoros; depois, que lhe accenda o cigarro e tire algumas fumaças. A mãe de Julio contraria-se com isso e procura convencer o marido da inconveniencia de seu proceder. Mas, ás observações da esposa elle responde : — «Ora de'xa; que mal faz o fumar, um vicio que a ninguem prejudica ? «Fuma, Julio. Toma um cigarrinho.

Julio, ao servir-se dos primeiros cigarros, sente-se mal do estomago e da cabeça; depois acostuma-se e não mais tira o cigarro da bocca, e se o pae não lh'o dá, vae lhe á cigarreira ou de qualquer outra pessoa. Seja de quem fôr o cigarro ou o charuto, elle o fuma, e a familia acha isso muito natural.

(Continúa)

EDUCAÇÃO

«Educar» não é apenas ensinar. Educar é amar, é amparar, é ser pae. O educador crêa almas novas, como o floricultor crêa novas flores.

Não é o educadôr quem se limita a passar do seu espirito para o espirito do educando, noções de sciencias ou de arte. Isto é por assim dizer, a parte "mechanica" do ensino, que o trato dos bons livros póde dar por si só.

O papel do educadôr é mais nobre: elle fórma o espirito, affeioa o coração, transforma a alma e o corpo, e equilibra os nervos, robustece os musculos, aperfeiçoa o cerebro, apura a intelligencia, desenvolve a bondade, ensina a justiça, afervora a coragem; elle tira, em summa, da criança o homem como se tira do carvão negro o diamante claro, e do petroleo asqueroso a luz radiante.

Assim, o educadôr é o pae desvelado que não limita o amôr á sua prole, mas estende-o e alarga-o, como esse rio de aguas fecundas que fertilisam em torno de seu leito leguas e leguas de terra.

OLAVO BILAC.

Como já tive ensejo de dizer ha mais de vinte annos, a grande questãõ do ensino é a grande questãõ do tempo, que se impõe de maneira absoluta á consciencia universal. — ROCHA POMBO.

A cooperação das famílias na educação

Para orientar e conduzir a creança é preciso ter-lhe amôr e saber comprehendel-a

A collaboração dos paes com os professores em materia de educação está em evidencia em quazi todos os paizes cultos, especialmente na Allemanha, onde, diversamente dos outros paizes da Europa, esse problema tem sido, ultimamente, tratado, quaze de modo official, com a formação das aggremações dos paes e mães.

Reconhecendo essa utilissima organisação, o notavel educadôr Sr. Lagarde, fez, em Stairlor, uma série de conferencias, nas quaes, de modo particular, se dirigiu ás mães, procurando cada vez mais interessal-as nesse magno problema.

Para isso é necessario, como affirma o professor Dusal Arnould, que os paes exerçam uma cooperação efficiente e pertinaz, não só no lar, mas tambem *junto dos professores*, capacitando-se, porém, da necessidade da disciplina por estes exercida, em prejuizo da affeição e da indulgencia que a dulcificam; junto dos parlamentares que, embóra muitas vezes propensos a abraçar essa nobre causa, necessitam de quem os incite e lhes despertel-a iniciativa; e junto das associações instituidas para defendêr os direitos da familia, sendo estes, como são, em materia de educação, importantissimos e os mais desprotegidos. Dado que os paes se compenetrem do seu papel de educadores, e tenham, aliás, a disposição firme de desempenhar este cargo, estarão promptos a fazel-o com facilidade ?

A série de conferencias feitas pelo padre Lagarde e outros, até Arnould, pouco resultado pratico produziram até agora. E aquelle, discursando na Allemanha, dizia por vezes: "E'-nos impossivel educar na escola, quando os paes de nossos alumnos, são elles proprios mal educados; por

consequente, qualquer tentativa nossa, para educar essas creanças, as poria em attritos com os paes e parentes e, por meio destes, comnosco educadores."

Depois dessa epocha, fundaram-se varias associações, com o fim de desmentir esses principios educacionaes e todos os paes, noivos, ou pessôas outras que cuidassem na educação da juventude.

Mas, recentemente fundou-se uma sociedade com este fim, sob a presidencia do Prof. Proufer, a cujos membros se distribuem revistas, boletins de educação; e que assistem conferencias sobre pedagogia, puericultura e sessões musicaes, em que tambem se fazem pequenas instrucções sobre a psychologia da creança.

Seguindo estes principios, é necessario que, entre nós, os paes e mães de familia, conheçam a creança e melhor a eduquem. Conhecer a creança, nem sempre é facil, e o que nella mas nos encanta, é o que tem de inconstante, voluvel e instructivo. Aliás, para conhecel-a, é necessario a querer, o que difficilmente se pôde fazer sem amal-a. Para conduzir, orientar a creança e formar seu character, não basta, comprehendel-a, é necessario ter noções da technica da autoridade, que é, ao mesmo tempo, simples e precisa.

Terminando estes ligeiros commentarios, affirma o Prof. Arnould, que—todos os methodos terão apenas uma efficacia relativa, comparadas com as lições que os futuros paes e mães de familia, recebem no seio de uma familia numerosa. E' ahi, que se encontra realisada a nova corrente educacional allemã, cujo fim é dar ao alumno a comprehensão exacta do papel util que elle desempenha, por sua actividade individual, no seio de uma comunidade moral — a sociedade.

Aprende, filho, com os rios,
A affastar da vida espinhos :
— E' cantando que elle vence
Os tropeços dos caminhos.

Djalma Andrade.

Oração da Mestra

Senhor ! Tu que ensinaste, perdôa que eu ensine e que tenha o nome de mestra, que tiveste na terra.

Dá-me o amôr exclusivo de minha escola: que mesmo a ancia de belleza não seja capaz de roubar-lhe a minha ternura de todos os instantes.

Mestre, faze perduravel em mim o enthusiasmo e passageiro o desencanto. Arranca da minha alma o subalterno desejo de justiça que ainda me perturba, o mesquinho assomo de protesto que sóbe do coração quando me ferem. Não me dôa a incompreensão nem me entristeça o olvido dos que ensinei.

Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, com as mães, o que não é carne da minha carne. Dá que alcance fazer de cada uma das minhas discipulas o meu verso perfeito e deixar cravada na sua alma a minha mais penetrante melodia, que ainda ha de cantar quando meus labios não cantarem mais. Torna-me possivel o teu Evangelho nos tempos que correm, para que eu não renuncie á batalha de cada dia e de cada hora, em prol de seu ensinamento.

Põe na minha escola democrata o resplendor que aureolava o teu bando de meninos descalços.

Faze-me forte no desvalimento de mulher e de mulher pobre ; faze-me que despreze todo poder que não seja puro, toda pressão que não seja a da tua vontade ardente sobre a minha vida.

Amigo, acompanha-me ! Ampara-me ! Muitas vezes só te terei a Ti a meu lado. Quando a minha doutrina fôr mais casta e mais queimante a minha verdade, ficarei abandonada dos homens, más Tú me apertarás então contra o teu coração — elle que foi cheio de soledade e desamparo. E não buscarei mais que a doçura das approvações em teu olhar.

Dá-me sensibilidade e dá-me profundeza, livra-me de ser confusa e banal no meu ensino quotidiano,

Dá-me que eu possa levantar os olhos do meu peito ferido, ao entrar cada dia na minha escola. Que eu não leve á mesa de trabalho os meus pequenos désalentos materiaes, as minhas mesquinhas dôres de cada hora.

Torna-me leve a palavra no castigo e suavissima na caricia: reprehenda soffrendo, para que se saiba que corrige amando !

Faze-me que seja de espirito a minha escola de ladrilhos. Envolta na chamma de meu enthusiasmo o seu atrio pobre, e sua sala uúa. O meu coração lhe seja columna e minha boa vontade, mais ouro que as columnas e o ouro das escolas ricas.

E, emfim, ensina-me com o pallidez da téla de Velasquez, que ensinar é amar intensamente sobre a terra, é chegar ao ultimo dia com a lançada de Longuinos no flanco ardente do amôr.

GABRIELLA MISTRAL.

THEATRO DAS CRIANÇAS**O mentiroso arrependido***(Comedia infantil)*

D. MARGARIDA.—Senhora de 30 annos presumiveis.

CARLITO—Filho de D. Margarida.

VICENCIA—Velha creada.

Scena unica

D. MARGARIDA (*zangada*)

Que feia coisa é a mentira !
 Lucro algum della se tira,
 E de mentir tú não deixas...
 Vais me dizer a verdade:
 Onde puzeste as ameixas
 Vindas da confeitaria ?
 Vamos. Carlos, por piedade,
 Hoje, ao menos, neste dia,
 Que é o dia natalicio
 De teu pae, dize a verdade !

CARLITO (*choramingando*)

Mãesinha, não sei de nada,
 Acabo agora de entrar.
 Creio que foi a creada...
 Eu não fui, posso jurar !

D. MARGARIDA

Oh ! foste tú que as tiraste !
 Como ainda juras, por cima ?
 Estás a sahir-me um traste
 Indigno de minha estima !
 De que vale o juramento,
 Se quem o faz, não faz fé ?
 Mais que feio, é abjecto
 Tirar sem consentimento
 Do dono, qualquer objecto...
 Chega a ser um crime até !
 Mas, emfim, na tua idade,
 Póde mais a gulodice
 A's vezes que a honestidade.

Isto ainda é desculpavel,
 Tolera-se, como disse :
 Mas o que é imperdoavel
 E' negar o que se fez.
 Sabes disto a consequencia,
 Pois surda, já uma vez,
 Aos seus brados de innocencia,
 Tive de mandar p'ra rua,
 Uma pobre empregadinha
 Por culpa que ella não tinha
 Pois eras tú o culpado.
 Não tens remorsos, Carlito ?
 Suspeita de ter furtado
 Um collar, que, está provado,
 Foste tú que consumiste !
 Achas tú isso bonito ?
 E não te emendas, birbante ?

CARLITO (*com ar arrependido, abraçando-a*)

Mãe, prometto d'ora avante
 Não mais faltar á verdade.

D. MARGARIDA

Pois vamos vêr, está feito !
 Mentir é grande defeito
 Até mesmo em tua idade !

Apenas Carlito se afasta, ouve-se, vindo do interior da casa, um rumor fragoroso, como terremoto, barulho de louças e vidros quebrados.

Depará-se a D. Margarida, um quadro desolador: terrinas e pratos, Sévres, compoteiras e copos finissimos de Bohemia, tudo por terra, em pandarécos. D. Margarida chega ainda a tempo deprehender Carlito a se esgueirar por detraz de uma porta. Seu primeiro impeto é castigal-o alli mesmo, severamente; melhor reflectindo, porém, contem-se, mudando de resolução.

D. MARGARIDA (pensativa)

E se uma experiencia tento ?
O que não póde a razão
Talvez possa o sentimento...
Falemos-lhe ao coração,
Tentemos a experiencia,
Soffra embora um innocente...
Trata-se de um caso urgente.

(*Chamando, resoluta, para dentro*)

O' Vicencia ! olá, Vicencia !

(*A' creada, que acóde, esbaforida*)

Não és mais minha empregada !
E' arranjar a trouxa e fóra !

VICENCIA (*com humildade*)

Que fiz eu, minha senhóra,
Para ser assim tratada ?

D. MARGARIDA (*com vehemencia*)

Ainda perguntas ? Não vês
O prejuizo que causaste ?
Nem mesmo um anno, talvez,
Do teu ordenado, baste
P'ra pagar o estrago feito.
Nada ! nada ! não tem geito !

(*apontando, com o dedo, severa,
para a louça, em estilhaços, pelo
assoalho*).

Não vês esses estilhaços ?
Toda essa louça em pedaços ?
Contempla, anda, esta tua obra,
E dize se tenho, ou não,
Motivos até de sobra
Para te mandar embora
Te escorraçar como um cão !

Vicencia (*em tom que implora,
enxugando as lagrimas no aven-
tal*).

Mas... tantos annos, senhora,
Que sirvo como copeira,
Nesta casa, sem razões
De queixas dar aos patrões...
Bem obediente, ligeira,
Sempre querida, estimada...
Para agora ser tratada
Assim, de modo tão duro...
Quem quebrou toda esta louça.
— Que Deus, Senhora, me ouça !
Não fui eu, por Deus o juro !

D. MARGARIDA (*com energia*)

Si não foste, és responsavel !
Está lavrada a sentença
Fria, crúa, irrevogavel !
Põe-te já, mas sem detença,
Quanto antes no olho da rúa !

Vicencia sáe, de cabeça baixa,
e volta, pouco depois, sobraçando
uma magra trouxa de roupas.
Despede-se, sempre chorando.
Carlito, que desde o começo des-
ta scena, tudo presenciára por de-
traz da porta, com crescente emo-
ção, não podendo mais conter-se,
ao ver assim tão barbaramente
despedida por sua causa, uma
creada de tantos annos, salta do
seu esconderijo.

Detem-te, minha mãesinha,
Pois a culpa é toda minha !
Si alguém, pois, ser castigado
Merece, sou eu sómente !
Não posso deixar, mãesinha,
Que por mim pague o innocente !
Pois quem tudo isso quebrou,
Fui eu, eu só, que aqui estou !

D. MARGARIDA (*abraçando-
o e fitando-o com infinita ternura,
os olhos cheios de lagrimas, quasi
balbuciando*).

Meu filho, já o previa,
 Sim, tinha um presentimento,
 Não sei o que me dizia
 Já o sabia, pois não,
 Que em ti, emfim, falaria,
 Filho a voz do sentimento,
 Filho, a voz do coração !
 Que grande prazer me invade !
 Senhor, que grande dia é este !
 Perdô-te tudo, tudo.

CARLITO (*vendo sobre a mesa
 uma taça, ergue-a num brinde a
 seu pae, que entra neste momento,
 carregado de embrulhos*).

Meu paesinho, eu te saúdo !
 Neste dia em que nasceste,
 E em que nasci p'ra verdade !
 (Da *Revista do Ensino*, de Bello Horizonte).

Arvore mestra, uma Escola
 Normal, ella é a germinadora
 de todas as outras.—O. Bilac

EDUCAÇÃO FEMININA

Tornou-se quase irremediavel no Brasil, o defeituoso programma de se educar a mulher exclusivamente para o uso dos salões.

Em nosso pais, é educada a mulher que toca piano, estropeia o francês e traja bem. A que se dedicasse aos misteres do lar, á economia domestica, a fabricar manteiga nos recessos da cosinha, a temperar panelas e equilibrar as finanças caseiras, sem aquelles attributos, seria julgada com ironias, motejada pelas outras e desprezada pelos futeis.

Entretanto, como penso que a

mulher não nasceu somente para a cozinha, como tambem não somente para o salão, observemos o termo medio, ou participe de ambos : —*cozinha e salão*. Já diziam os antigos que a virtude estava no meio. Essencial é, porém, que antes das disciplinas da educação literaria que se subministram ás moças, a educação domestica deveria ser applicada.

Sem o preparo da alma e do coração da mulher, é inconveniente a educação do cerebro.

O resultado desse erro educacional é attestado a cada passo.

A moça que se embrenha sómente nos estudos de arte e de letras, sem outra preocupação que não a de parecer letrada, mesmo que lhe applicuem depois a educação domestica, ficará sempre prejudicada. As carreiras são incompativeis a um simples julgamento de espiritos superficiaes, embóra ao observador se lhe deparem sympathias declaradas entre os dois systemas.

Para muitas familias é indecoroso ou humilhante, uma senhora occupar-se de quefazeres domesticos. O carvão, o abano, as pucumans do telhado se lhes apresentam como escarneos. *Cozinha foi feita para negro*, eis a conclusão, producto resultante da epoca da escravatura negra, que ainda perdura em muitos animos, e quando sómente aos negros cabiam serviços domesticos.

Mas hoje não estamos mais na época do Imperio; estamos na Republica, no seculo da educação.

Desse defeito é que vemos a população feminina toda imbuida de preconceito e egoismo, barreiras formidaveis á formação da nacionalidade.

Como, porém, dar jeito ao desgabo ?

Fundando-se escolas domesticas e profissionaes.

O Brasil é, na America, o paiz que menos gasta com a instrucção. Chega mesmo a desanimar, quando se sabe, que é o unico paiz que nada despende com a instrucção publica. Porque quem faz despesas, e ridiculas, são os Estados e os Municipios. Nunca a União.

Entretanto vemos tantos gastos superfluos, esbanjamentos sem justificação, escoarem do thesouro publico centenas de contos. Não seria mais bem empregado, se o governo federal, auxiliado pelos estaduais, nucleasse em volta de si homens vontadosos de fazerem bem á patria, e se fundassem em todos os Estados, escolas domesticas como a que já existe em Natal ?

O de que precisamos é de preparar a mulher brasileira, para que ella prepare o cidadão.

Todos os nossos flagellos, quer os de ordem meteorologica, como as seccas, ou os de ordem social—cangaceirismo, nada é tão prejudicial como a falta de educação da mulher no Brasil.

A secca é phenomeno temporario fortuito e passa.

O congaceirismo — originado sempre da falta de justiça no interior—é facto que tambem é periodico e tambem passa, ha-de passar com a evolução.

E a educação da mulher ? vem accumulando, desde os nossos primeiros tempos de paiz habitavel, todos os defeitos das passadas gerações até hoje. Excepção unica de Natal, no Rio G. do Norte.

Entretanto, todas as capitaes — pelo menos !—já deviam estar do-

tadas de tão significativo melhoramento.

A educação literaria é perniciosas, prejudicial, se vem pura, sem a intervenção da educação domestica. Esta, deve ser o centro de gravitação daquella que lhe é complemento.

Mas, entre nós, é avessado o programma.

Primeiro, letras. Depois, trabalho... quando vem !

O astro transformado em asteroide, em satellite !

Que erro degradante !

Maceió deve instituir tambem sua Escola Domestica. Não lhe falta recurso. Não lhe mingam elementos dirigentes e creadores.

Onde se educam as moças de Alagôas ? Na Escola Normal. Muito bem. Mas não basta. Ainda se faz indispensavel a verdadeira educação:—a do lar.

E sem a educação domestica, podemos lavar as mãos á parede sobre formação da nacionalidade.

E' que o Brasil deve confiar mais no preparo e educação domestica de suas filhas, do que em todas as bayonetas de seus exercitos !

Renato de Alencar.

A CURIOSIDADE

DAS CREANÇAS

A creança entende quasi tudo, e daquillo que não entende, guarda a memoria até a idade em que o mysterio lhe seja naturalmente explicado.

Não levar nunca para um caminho máo a curiosidade de uma creança, deve ser um dos maiores cuidados da mãe.

Mas—dir-me-ão: as pessôas cres-

cidas conversam por força em mil assumptos melindrosos; se realmente as creanças percebem, como evitar que ouçam?

E' nisso positivamente que está o mal. Na sala de uma senhora que tem filhos e que se compenetra absolutamente dos seus deveres de mãe, deve haver maximo esculpulo na escolha das diversas conversações.

Assim como ha limpeza nas habitações, por que não haverá limpeza nos espiritos? Não ha tantos assumptos attraentes de conversação?

Será absolutamente preciso dizer mal, murmurar, revelar indiscretamente mysterios alheios?

Não quer isto dizer que a humanidade se limite a um puritanismo de palavras, que degenerará por força em hypocrisia; mas, entre esse excesso ridiculo e a liberdade absoluta que se usa deante das creanças, creio que ha um meio termo que seria de adoptar. E depois, seja dito com toda a coragem: ou se é mãe no sentido completo e absoluto desta palavra, ou se é mulher no mundo. Ou nos havemos de consagrar á companhia dos nossos filhos, á sua educação, ao desenvolvimento gradual das suas faculdades, á vigilancia solicita das suas almas e dos seus corpos, ou havemos de dar aos tenros espiritos de quem somos guias, o deploravel espectáculo das fraquezas e dos defeitos que tanto lhe desejamos fazer evitar.

Maria N. Vaz de Carvalho

Salve, bandeira do Brazil, querida,
Toda tecida de esperança e luz!
Pallio sagrado, sob o qual palpita
A alma bemdita do Paiz da Cruz!

Dom Aquino Corrêa

Professor Faustino Magalhães da Silveira

No dia 10 de Fevereiro passado, após dolorosos padecimentos, falleceu nesta cidade, na residencia de seu irmão Senadôr Clemente Magalhães da Silveira, para onde se transportara em busca de melhoras á sua saúde, o professor Faustino Magalhães da Silveira que exercia, com muito criterio e competencia o cargo de lente de Geometria na Escola Normal.

O saudoso preceptor, era natural de Pernambuco, tendo para aqui se transportado muito jovem ainda, em companhia de seus progenitores e irmãos, aqui exercendo varios cargos publicos, inclusive o de Director da Imprensa Official, que occupava ainda, quando falleceu.

Largamente relacionado em nosso meio e estimadissimo pela sua affabilidade, sua morte deixou cheios de pezar quantos o conheciam, além de suas idolatradas esposa e filha, Dra. Nise da Silveira, recentemente formada, seus irmãos, Clemente, Bonifacio, José, Symphronio e Luiz Magalhães da Silveira, todos cavalheiros de destaque em nosso meio, este ultimo deputado federal por Alagôas, e nosso confrade do *Jornal de Alagôas*, aos quaes a *Revista de Ensino* apresenta seus votos de pezar.

Vida escolar

Actos do governo durante o mez de Janeiro:

DIA 4

DECRETO N. 1

O Governador do Estado, tendo em vista a proposta da Directoria Geral da Instrucção Publica, em officio de 24 de Dezembro findo, sob o n.º 1726, resolve transferir, na fórma do Art.º n. 538 § 2 do respectivo Regulamento, as 1.ª, 6.ª, 18.ª e 21.ª cadeiras izoladas vagas do perimetro urbano desta Capital, para as seguintes localidades: Chã-Prêta, em Viçosa; Potengy, em Piassabussú; José da Rocha, em Junqueiro; e Cajueiro, no municipio de Parahyba, na ordem em que vão collocadas.

DECRETO N. 2

O Governador do Estado, tendo em vista a proposta da Directoria Geral da Instrucção Publica, em officio de 24 de Dezembro findo, sob o n.º 1727, resolve transferir, na fórma do Art. 225, combinado com o Art. 70, do Regulamento em vigor, as cadeiras vagas seguintes: — mixta, do povoado Tinguijada, municipio de Parahyba; mixta, da cidade de Agua Branca; do sexo masculino, do povoado Serra do Jardim, mesmo municipio; mixta, do povoado Inhapy, de Paulo Affonso; mixta do povoado Esperança, em Muricy; 2.ª cadeira mixta do povoado Raiz, em S. Luiz do Quitunde; mixta, do povoado Biquinha, em Camaragibe; mixta do povoado S. José dos Gregorios, em S. Luzia do Norte; e mixta do povoado Nova Esperança, em Porto de Pedras, para os povoados seguintes: Sta. Ephigenia, municipio do Parahyba; Serra do Jardim, em Agua Branca; Tanque d'Arca, em Anadia; Olhos d'Agua das Flores, em Sta. Anna do Ipanema; Capivara e Marica, em Traipú;

Bello Horizonte, em Leopoldina; Coruripe em Palmeira dos Indios e Ouricury em Atalaia, na ordem em que vão collocadas.

Ainda por acto desta daeta, foram removidas, na fórma do Art. 216, n.º 1 da Instrucção em vigor, as seguintes professoras:

—D. D. Eulalia Moreira da Silva, da cadeira mixta de 1.ª categoria do povoado Caldeirões, em Palmeira dos Indios, para a cadeira mixta vaga do povoado Rua Nova, em Victoria; Alice dos Santos Balbino, da cadeira mixta de 3.ª categoria do povoado Cruz das Almas, municipio da Capital, para a 6.ª cadeira isolada, vaga, de Bebedouro, desta Cidade; Izabel de Amorim Chaves, da cadeira de 2.ª categoria do povoado Paulo Jacintho, em Victoria; para a cadeira de 2.ª categoria do sexo masculino, vaga do povoado Cajueiro, do municipio de Parahyba.

DIA 5

O Exm.º Dr. Secretario do Interior, deu o seguinte despacho:

— D. Julia Augusta de Sá, professora publica de Instrucção primaria da 15.ª Cadeira isolada da Capital, pedindo para que lhe seja dada por certidão o teor de sua petição datada de 9 de Maio de 1912, solicitando a contagem do tempo em que esteve em disponibilidade, inclusive o respectivo despacho.—Certifique-se.

DIA 12

O Exm.º Dr. Secretario do Interior, deu os seguintes despachos:

—D. Anna Malta de Alencar, professora de Paulo Affonso, pedindo justificação de 13 faltas por motivo de molestia, em Julho e Agosto do anno passado. — Justifico.

— D. Amelia Leite do Nascimento, professora publica de Utinga, em Sta. Luzia do Norte, pedindo um anno de licença para tratar de sua saúde.—Designa-se junta medica de accordo com as disposições regulamentares.

— D. Olindina dos Santos Balbino, professora publica de Muricy, pedindo trez mezes de licença para tratar de sua saúde.
— Designe-se junta medica.

DIA 16

O Exm.º Dr. Secretario do Interior, deu o seguinte despacho :

D. Joanna dos Santos Balbino, professora publica de Dezenho do Grupo Escolar Fernandes Lima, nesta Capital, pedindo 3 mezes de licença para tratar de sua saúde. — Designe-se junta medica.

DIA 18

DECRETO N. 8

O Governador do Estado, tendo em vista a proposta da Directoria Geral da Instrucção Publica, em officio de 15 deste mez, sob n.º 52 e de accordo com o art. 70 do respectivo Regulamento vigente, resolve transferir a cadeira subvencionada do povoado Olhos d'Agua do Brejão, para a de Veados, ambas no municipio de Arapiraca, devendo acompanhala o respectivo professor Julio Rodrigues de Macêdo.

O Exm.º Sr. Governador do Estado removeu, a pedido, a professora publica da cadeira de Instrucção Primaria, de 1.ª categoria, do povoado Felix Dezerto, do Municipio de Piassabussú, D. Odette das Neves Bomfim, para igual cadeira do povoado Chã-Prêta, do municipio de Viçosa ; exonerou o cidadão Benedicto Leoncio de Farias, do cargo de Inspector Rural do Ensino do povoado de S. Miguel dos Milagres e nomeou para substituil-o o cidadão Manoel Marinho Leão; nomeou o cidadão Mariano da Cunha Mendonça para igual cargo no de Tatuamunha, no mesmo municipio.

O Exm.º Sr. Governador do Estado exonerou a professora publica de Instrucção Primaria que servia em commissão no Grupo Escolar «Messias de Gusmão», na cidade de S. Luiz do Quitunda, conforme pediu.

DIA 20

O Exm.º Sr. Dr. Secretario do Interior justificou 25 faltas dadas em Outubro e Novembro do anno passado, pela professora publica de Junqueiro, D. Maria Celeste Vieira dos Santos.

DIA 21

O Exm.º Sr. Governador do Estado, exonerou D. Maria Concessa de Santa Maria, do cargo de professora adjuncta do Grupo Escolar "Diegues Junior" da Capital, conforme pediu; nomeou o bacharel Salviano Leite Rolim para exercer o cargo de membro da Junta Escolar do municipio de S. Miguel de Campos.

DIA 22

O Exm.º Sr. Governador do Estado exonerou o cidadão Ignacio Linç de Albuquerque Mello, do cargo de porteiro do grupo Escolar «Messias de Gusmão» da cidade de S. Luiz do Quitunde, e nomeou para substituil-o o cidadão Lafayette Aguiar de Mello; exonerou o cidadão Tiburcio Lopes de Omena, do cargo de Inspector Rural do Ensino do povoado Riachão do Sipó, municipio de Parahyba, e nomeou para substituil-o o cidadão Procopio Vieira de Almeida; nomeou o bacharel José da Cruz Oliveira para exercer o cargo de Director do Grupo Escolar "Ambrozio Lyra" da cidade de Camaragibe ; removeu, por conveniencia do Ensino, a professora publica de instrucção primaria que serve em commissão no Grupo Escolar "Diegues Junior", D. Augusta Zanotti Calheiros, para o G. Escolar "Fernandes Lima" da Capital; designou a professora publica da cadeira mixta de Ponta Grossa, arrabalde da Capital, D. Flora Malta Ferraz, para servir em commissão no Grupo Escolar "Diegues Junior", da Capital ; nomeou a alumna-mestra, D. Maria de Lourdes Braga, para exercer o cargo de professora adjuncta do Grupo Escolar

“Torquato Cabral”, da cidade de Parahyba.

DIA 25

O Exm.^o Sr. Dr. Secretario do Interior justificou 16 faltas dadas pela professora publica de Barra de Camaragibe, D. Aute de Oliveira Souza. Mandou entregar ao profesor João Bernardino da Costa, Director do Grupo Escolar “Cincinato Pinto”, a quota consignada no Art. 1.^o § 5 n.^o 9, da Lei Orçamentaria, da quantia de Rs... 2.000\$000.

O Exm.^o Sr. Governador por acto de hoje nomeou professoras effectivas de 1.^a Entrancia, na fórmula do Art. 175, do Regulamento da Instrucção Publica em vigor, as alumnas mestras D. Olga de Vasconcellos Costa Santos para a cadeira de Ouricury, em Atalaia; Olindina Pereira da Silva, para a de Bonifacio, em Palmeira dos Indios; Amalia da Silva Fragoso, para a de Sertãozinho, em St.^a Anna do Ipanema; Nilce Alves da Silva, para a de Entre Montes, em Piranhas; Argentina Porcina da Silva, para a de S. Bento, em Maragogy; Maria da Annuniação Fragoso, para a de Arapiraca; Enecilla de Siqueira Accioly, para a de Camassary, municipio de Coruripe; Maria Lourdes de Lima, para a de Cambuhy, em Junqueiro; Enoy de Campos Machado, para a de Alagoinhas, em Penedo; Maria Leal Guimarães, para a de Tanque d’Arca, em Anadia; e o cidadão Antonio Malta de Souza, para a de Piranhas; designando a professora publica de Sta. Ephigenia, em Parahyba, D. Aurora da Silva Braga, para servir, em commissão, no Grupo Escolar “Torquato Cabral”, do referido municipio; removeu a professora adjunta da Cadeira de Desenho e Pintura do Grupo Escolar “Diegues Junior” Judith Mattos para o cargo de professora adjunta do curso de lettras do mesmo estabelecimento, e jubilou, com os vencimentos proporcionaes ao tempo de serviço, a professora pu-

blica de Instrucção Publica da cadeira do sexo feminino da Cidade de Paulo Affonso, D. Anna Malta de Alencar, visto se achar impossibilitada de continuar a exercer suas funcções.

DIA 26

O Exm.^o Sr. Governador nomeou o cidadão João Cancio de Andrade, professor effectivo de 1.^a entrancia da cadeira do sexo masculino da cidade de Leopoldina; nomeou a alumna mestra D. Maria Carmelita Jucá professora de 1.^a entrancia da cadeira mixta vaga do povoado S. Engracia no municipio de Parahyba; nomeou D. Narcisa de Lima Braga, professora extra-numericaria por tempo indeterminado da cadeira vaga, mixta, de Leopoldina; designou a professora publica da cadeira mixta de Paripueira, no Municipio de S. Luiz do Quitunde, D. Maria do Carmo Tavares Sampaio, para servir em commissão, no Grupo Escolar “Ambrozio Lyra”, de Camaragybe; removeu, por conveniencia do ensino, a professora publica da cadeira do sexo feminino, de Leopoldina, D. Elisa Alves de Souza Barreto, para a cadeira mixta, vaga, de Porto Rico, do mesmo municipio; a pedido, a professora publica da cadeira mixta de 1.^a categoria de Campo Alegre, D. Joanna Coêlho da Silva, para igual cadeira de Junqueiro; removeu por conveniencia de ensino a professora publica da cadeira do sexo masculino de Sta. Anna do Ipanema, D. Adelia Pereira da Costa, para a cadeira mixta, vaga, da mesma cidade.

DIA 28

O Exm.^o Sr. Governador removeu, a pedido, a professora publica da cadeira mixta de 1.^a categoria, do povoado Jacuhype, em Porto Calvo, d. Carmelita da Silva Sampaio, para igual cargo, em Paripueira, municipio de S. Luiz do Quitunde.

DECRETO N. 10

O Exm.^o Sr. Governador tendo em vista a proposta da Directoria Geral da Instru-

ção Publica, em officio de 23 deste mez e de accordo com o art.º 70 do Regulamento vigente, transfere as seguintes cadeiras — mixta de categoria, do povoado Pontal da Barra; a cadeira subvencionada dessa localidade para aquelle povoado; a cadeira subvencionada do bairro da Levada para o povoado Ipioca; a cadeira subvencionada do Alto da S. Cruz, do bairro da Jacutinga para Chã de Bebedouro; a cadeira mixta de categoria dessa localidade para aquelle bairro; e a cadeira subvencionada de Ponta Grossa para o Pontal da Barra, municipio da Capital, devendo acompanhal-as as respectivas professoras D. D. Maria José de Ambroio Coêlho, Anna de França Ramiro, Etelvina Fernandes da Costa e Silva, Odylia Josephina de Oliveira, Casemira de Farias Cardoso e Alzira da Costa e Silva.

DIA 29

O Exm.º Sr. Governador nomeou as alumnas mestras D. D. Eliza de Lima e Silva, Mariana Leite de Carvalho Maia, Ignacia de Carvalho Vêras e Edith do Amaral Athayde, professoras effectivas das cadeiras vagas—mixta do povoado Campo Alegre do sexo feminino do povoado Barra, mixta do povoado Canastra, e mixta do povoado Caruruzinho respectivamente municipios de S. Miguel de Campos e São José da Lage; nomeou a alumna mestra D. Dolores de Almeida Ramos professora extranumeraria por tempo indeterminado da 2.ª cadeira do sexo feminino desse municipio; removeu com accesso de 1.ª para 2.ª entrancia a professora da cadeira do sexo masculino de Bello Monte, Helcias da Silveira para a cadeira de 2.ª categoria do sexo feminino de Leopoldina; determinou que a professora publica da cadeira subvencionada de Ponta Grossa, arrabalde desta cidade, D. Alzira da Costa e Silva, tenha exercicio effectivo no Pontal da Barra, deste municipio; determinou que as professoras das cadeiras subvencionadas

de Trapiche da Barra, da Levada, e do Alto de S. Cruz, D. D. Anna de Franca Ramiro, Etelvina Fernandes da Costa e Silva e Oth'lia Josephina de Oliveira tenham exercicio no Pontal da Barra, Ipioca e Chã de Bebedouro deste municipio, e determinou ainda que as professoras publicas das cadeiras mixtas da Chã de Bebedouro e Pontal da Barra, Casemira de Farias Cardoso e Maria José de Ambroio Coêlho tenham exercicio effectivo no Alto da Santa Cruz e Trapiche da Barra para onde foram transferidas aquellas cadeiras por Decreto desta data.

MEZ DE FEVEREIRO

DIA 4

O Exm.º Sr. Dr. Secretario do Interior justificou, conforme requereu, as faltas dadas pela professora de S. Bento, municipio de Maragogy, de 1.º a 30 de Janeiro, pelos motivos constantes do art. 252 § 2.º letra b do regulamento da Instrucção Publica, em vigor.

O Exm.º Sr. Dr. Secretario da Fazenda mandou entregar ao sr. dr. Francisco José dos Santos Ferraz, Director dos Grupos Escolares "Fernandes Lima" e "Pedro II", a quantia de Rs. 4.000\$000, referente a verba de expediente consignada no art. 1º § 5, n. 9 da lei orçamentaria vigente.

DIA 7

O Exm.º Sr. Governador, nomeou a alumna mestra D. Doralice Vieira da Silva, professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira vaga do sexo masculino de Porto Calvo.

DIA 8

O Exm.º Sr. Governador attendeu ao pedido de remoção que lhe fez a professora publica de 1.ª entrancia da cadeira de 2.ª categoria do povoado Cajueiro, no

município de Parahyba, D. Rita Procopio dos Santos.

DIA 9

O Exm.^o Sr. Dr. Secretario do Interior justificou as faltas dadas durante o mez de Janeiro, pelas professoras D. D. Joaquina Leite Sampaio, Maria Sampaio Loureiro e Joanna Coelho da Silva.

DIA 11

O Exm.^o Sr. Dr. Secretario do Interior indefiniu o pedido de justificação de faltas que lhe fez a professora publica da cadeira do sexo feminino da cidade de Muricy D. Olindina dos Santos Balbino.

DIA 15

O Exm.^o Sr. Dr. Secretario dos Negocios do Interior designou o lente Cathedratico da Cadeira de Francez do Lyceu Alagoano, Agnello Marques Barbosa para reger interinamente a cadeira de Geometria da Escola Normal.

DIA 16

O Exm.^o Sr. Dr. Secretario do Interior justificou as faltas dadas por D. Cecilia Helcias da Silveira professora publica da cadeira do sexo feminino de Bello Monte durante o mez de janeiro findo.

—O Exm.^o Sr. Governador removeu, a pedido, a professora publica de 1.^a entrada da cadeira mixta de 1.^a categoria da Villa de Matriz, município de Camaragibe, D. Eudezia Santos para a cadeira de 2.^a categoria do sexo masculino da cidade de Porto de Pedras, e nomeou a alumna mestra D. Arlinda Sampaio Santos, profes-

sora extranumeraria por tempo indeterminado da cadeira do sexo feminino do povoado Branquinha, município de Muricy.

DIA 18

O Exm.^o Sr. Dr. Secretario do Interior justificou as faltas dadas durante o mez de Janeiro por D. Maria da Annuniação Fragoso, professora publica de Arapiraca e D. Amalia da Silva Fragoso, professora publica de Sertãozinho.

DIA 21

O Exm.^o Sr. Dr. Secretario do Interior justificou as faltas dadas em Janeiro, pelos professores Francisco Ribeiro de Albuquerque e D. Maria Lourdes de Lima, respectivamente de Paulo Affonso e Cambuhy, no município de Junqueiro.

DIA 26

O Exm.^o Sr. Governador removeu, por conveniencia do ensino, a professora de instrucção primaria da cadeira do povoado Barra, município de Camaragibe, D. Aulta de Oliveira Souza, para igual cargo no povoado Caruruzinho, em S. José da Lage, e nomeou a alumna-mestra D. Alice Salles do Nascimento professora extranumeraria da cadeira mixta do povoado Gamelleira, município de Parahyba.

Tanto rasgo de heroismo,
Tanta nobreza de acção !
Nossa historia, onde guardal-a,
Na mente, ou no coração ?

Djalma Andrade.

Alumnos! beijo as vossas frentes, em que já diviso, em clarões divinos, a luz com que encaminhareis outras gerações para um porvir de força e de justiça — OLAVO BILAC.



PEDRO DA COSTA REGO

Governador do Estado